

## Acabou o papel!

Paulo Costa Lima

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LIMA, PC. Acabou o papel!. In: *Música popular e adjacências...* [online]. Salvador: EDUFBA, 2010, pp. 79-80. ISBN 978-85-232-1202-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

# Acabou o papel!

Quem foi que teve a “brilhante” ideia de rimar o título aí de cima com “jingle bells”? A resposta a essa pergunta abriria caminho para uma pequena história da esculhambação brasileira através da música. Que espécie de traço cultural seria a esculhambação?

Sobre a canção ando perguntando por aí, mas ninguém conseguiu me ajudar até o momento. Por exemplo: quando é que foi “composta” a versão mais brasileira das canções natalinas? Por quem? Se o leitor sabe, que me diga.

Certamente é anterior à década de 60, porque na minha infância todos já a conheciam. E tem um sabor marcante de Rio de Janeiro – durante um certo tempo, cultivou-se no Rio a mania bizarra de fazer arruaça nas missas do galo.

A canção original (*One horse open sleigh*) é de autoria de James Lord Pierpont, e foi registrada em 1857, nos Estados Unidos. Trata-se de um *Christmas carol* feito curiosamente para o Dia de Ação de Graças. A letra original – ao contrário da versão oficial em português – não é nada espiritual ou carola, manda bater os sinos e rolar pela neve. A cinética da melodia alude justamente ao movimento do trem, chegando mesmo a mencionar uma certa Senhorita Fanny Bright, que aparece para alegrar o passeio.

Antes mesmo de qualquer análise da esculhambação, vale a pena refazer o percurso mental da canção. Passar de “jingle bells” para “acabou o papel” é uma associação fantástica. Exibe o poder co-

municativo dos grandes refrões. “Acabou o papel” é uma construção incrivelmente redonda e sonora. Além disso, é sutil, não entrega o jogo – já está sendo usada por ecologistas (confira na internet).

Somente na sequência é que o ouvinte vai perceber de que papel se trata. “Não faz mal, não faz mal, limpa com jornal”. Novamente, uma clareza heráldica, apesar da implicação turva e grosseira! Esse joguinho safado de adiar a grosseria faz parte da estratégia composicional, assim como o contraste cativante do jogo de rimas “el, el, el” com “al, al, al”. Erudição pura.

Daí em diante surge nossa ancestral queixa sobre a carestia (o jornal tá caro – quem haveria de discordar?), e uma expressão popular envolvendo o chuchu, que não tinha nada a ver com a estória, mas estabelece as condições sonoras para o desfecho glorioso e indizível da última rima. Resumo da ópera: da brancura da neve ao cotidiano emporcalhado da evacuação.

Mas qual o sentido de avacalhar o Natal de jingle bells? Será que a versão teria surgido como uma reação ao desembarque maciço de “coisas americanas” a partir do pós-guerra, de Sinatra à coca-cola, constituindo dessa forma um gesto matreiro de resistência cultural? Seria, dessa forma, um manifesto contra a americanização do Natal?

Ou seria mais da ordem de uma tentativa de expurgar a inveja latente por que aqui não tem neve, trenó e desenvolvimento? Por se estar no excêntrico campo do outro – periférico? Afinal de contas, quando as pessoas cantam a versão apócrifa elas exibem um prazer todo especial, anunciando que o mundo está de cabeça pra baixo – pelo menos o mundo do Papai Noel.

A pergunta vai permanecer no ar: será que a anarquia nos liberta, permitindo um espaço de identidade com uma certa autonomia, ou nos aprisiona nessa identidade pret-a-porter de brasilidade escu-lhambativa – que no mundo só tem paralelo mesmo na Austrália?